

Circuitos turísticos: Rota dos museus mineiros – faixa piritosa ibérica

Alfredo Tinoco

I – Introdução

Longe vai o tempo em que a Indústria e a Técnica e, mais exactamente, os seus vestígios estavam excluídos daquilo a que chamamos património cultural. De facto, há muito tempo que, um pouco por todo o mundo e também entre nós, se ouve falar de património técnico, de património industrial e, até, de património mineiro e geológico. Nasceram sociedades, associações, organismos oficiais, criaram-se Arquivos, Centros de Estudo e Museus. Existe hoje por toda a parte, e particularmente na Europa e nas Américas, um público fiel que percorre centenas de quilómetros em demanda de vestígios da civilização industrial, que visita museus e sítios ligados à pré-industrialização, à indústria e, especialmente, à mineração das diversas idades históricas.

Como todos aqui sabemos, naqueles lugares em que uma só actividade foi durante muito tempo o sustentáculo único da dinamização económica, logo que essa actividade entra em colapso, ficam espaços degradados e sem perspectivas imediatas de recuperação, de regeneração. No caso da actividade mineira essa degradação é não só económica e social, como ambiental, em virtude da própria actividade das minas. Paralelamente, ficam inúmeros vestígios, quer patrimoniais, no sentido estrito (vestígios materiais)

quer espirituais – cultura, saberes técnicos e empíricos, memórias, laços, emoções...

Todos estes valores: bens móveis e imóveis e bens imateriais constituem, afinal, as raízes em que entronca a identidade das comunidades em que assentou durante décadas, centenas de anos, às vezes milénios, a exploração mineira.

Já no nosso século, demo-nos conta de que o turismo poderia, em muitos casos, ser a porta que se abre para a regeneração económica, social e ambiental das minas abandonadas.

II – TURISMO, TURISMOS, TURISMO GEOLÓGICO E MINEIRO

O Turismo é quase uma invenção do século XX. Ainda que o nome remonte a finais de oitocentos a realidade é bem mais recente já que as escassas acessibilidades e a mobilidade geográfica reduzida, interditarão a prática turística à grande maioria dos cidadãos.

A melhoria das condições económicas e a generalização das férias obrigatórias e pagas potenciaram um enorme incremento do turismo.

Por outro lado, a revolução das acessibilidades e da mobilidade geográfica, graças à ferrovia, à rodovia e, sobretudo, à aeronáutica possibilitaram nas últimas décadas um *continuum* turístico sem precedentes na história.

Por último, a elevação do nível de escolaridade e dos índices de cultura, aliados à mobilidade social da generalidade dos povos criaram novas necessidades turísticas.

Com efeito, assistimos durante décadas a uma procura sistemática do turismo estival, a praia, como um único destino dos fluxos turísticos.

Gradualmente, demo-nos conta de que a praia tradicional – sol, areia, mar – já não preenchia as expectativas do turista. As tradicionais estâncias balneares, nas quais tinham sido feitos investimentos vultosos, entraram em declínio. Era então preciso criar alternativas: novas infraestruturas e, sobretudo, novas rotas – o desconhecido, o exótico, o primitivo. Mas também esse turismo, dizem-no os sociólogos do lazer têm os dias contados.

Não é, então, por acaso que é hoje comum para todos nós ver e ouvir falar correntemente em “turismo rural”, “turismo etnológico e etnográfico”, “turismo industrial”, “turismo ambiental”, “turismo desportivo”, “turismo cultural”, “turismo arqueológico” e, mesmo “turismo geológico e mineiro”. Para todos estes novos turismos há já hoje um público e existe, sobretudo, um enorme público potencial que está nas nossas mãos sensibilizar à medida da nossa capacidade de realização.

III – TURISMO MINEIRO e DESENVOLVIMENTO LOCAL

Já o dissemos que, no caso das minas abandonadas, o turismo é uma das portas que se abre à regeneração do tecido social, à recuperação económica e, sobretudo, à manutenção e ao reforço identitário das comunidades locais. E nesta área quem fala em turismo, fala na criação de núcleos museológicos capazes de atrair um significativo segmento do fluxo turístico.

Num artigo recente, Puche e Mazadiego¹ passam em revista cerca de quinhentas experiências de musealização de minas e sítios geomineiros na Europa. Neste vasto conjunto não encontramos uma única experiência portuguesa. Descontada a eventual falta de atenção, ou simples deficiência de informação (e de marketing), a análise dos professores da Escola de Engenharia de Minas de Madrid é sintomática do atraso da nossa investigação e das nossas realizações museológicas.

Com efeito, o que poderemos acrescentar ao “catálogo” de Puche e Mazadiego? Um pequeno Museu do Ferro em Moncorvo (actualmente desactivado e em processo de transferência para o Museu Municipal na sede do concelho); o Museu Mineiro de S. Pedro da Cova (igualmente em transformação); o Museu (Geológico) das Minas da Panasqueira; o projecto do Museu da Mina Romana de Três Minas (Vila Pouca de Aguiar); o extinto museu (arqueológico) de Aljustrel; o Parque Temático de Alcoutim; algum espólio arqueológico/mineiro e geológico disperso pelo Museu Nacional de Arqueologia; Museu do Instituto Geológico e Mineiro e Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico do Museu Nacional de História Natural. (Alguma falta seja-me descontada em nome da ignorância, da irrelevância ou do esquecimento). Resta-nos ainda os projectos que, felizmente, são alguns: Aljustrel (aprovado pelo Instituto Geológico e Mineiro mas em estado de hibernação), S. Domingos, Neves Corvo (que já possui um pequeno núcleo de Arqueologia Romana) e

¹ PUCHE RIART, Octávio e MAZADIEGO MARTINEZ, L. F. – “La Conservación del Patrimonio Minero Metalurgico: Inventário, Actuaciones de Conservación, Archivos y Museos”, In Boletín Geológico y Minero, Vol. Nº 1’9, nº 1, Jan. / Fev. 1998 Madrid

Lousal. Cite-se, Aida o Museu do Mármore em Vila Viçosa.

Permitam-nos fazer uma pequena excursão por alguns museus desta temática na Europa e concluiremos que estamos quase no grau zero da Museologia Mineira. Com efeito, existem hoje museus de temática geológica e mineira em quase todos os países da Europa; a predominância vai para a Grã-Bretanha, mas são igualmente numerosos na Alemanha e em França. Em Espanha contam-se já vários, tal como em Itália, na Bélgica e na Holanda. A Suíça e a Áustria têm também vários museus nesta área. No Norte existem museus mineiros na Suécia, na Finlândia, e na Noruega. O Leste da Europa regista igualmente várias experiências: na República Checa, na Eslováquia, na Polónia, na Hungria, na Roménia, na Rússia. A Eslovénia e a Grécia conhecem também experiências de museologia mineira.

O primeiro grande museu mineiro parece ter sido o Deutches Bergbau – Museum em Bochum, no Rhur, que abriu portas em 1930. Hoje regista mais de 400 mil visitantes/ano. Ainda na Alemanha, o Museu de Ramsbeck (que tive a oportunidade de visitar há uns anos com uma turma de alunos de instrução primária) apesar de ficar afastado dos centros urbanos, regista mais de 100.000 visitantes/ano. O Historisches Kupferbergwerk em Fisbach, em idênticas circunstâncias, atrai 80.000 visitantes/ano. E lembrem-nos de que a siderurgia de Vöcklingen que funcionou entre 1873 e 1986 foi declarada recentemente como Património da Humanidade.

Na Holanda o Mijnmuseum de Kerkrade acolhe anualmente cerca de 300.000 visitantes/ano. Em França o Centre Historique Minier de Lewarde recebe por ano mais de 150.000 turistas e em Noyant-la-Gravoyère há

600/800 visitantes diários durante o período de funcionamento.

Deixem-nos concluir esta excursão (afinal já longa) com uma citação: “Em França inaugura-se actualmente cerca de um centro turístico subterrâneo por semestre”².

Que querem dizer os dados aqui lembrados?

Duas coisas: 1º - que o turismo, o turismo cultural, o turismo mineiro especificamente, podem ser um poderoso instrumento de desenvolvimento local; 2º - que temos todo um trabalho a fazer neste domínio, se queremos verdadeiramente resgatar a memória de uma actividade quase extinta entre nós (e na Europa), valorizar um património riquíssimo que se degrada dia a dia, contribuir decisivamente para a recuperação social, económica e ambiental das comunidades que estiveram ligadas à exploração mineira através do lançamento de projectos que visam o desenvolvimento sustentado e sustentável e não o simples crescimento económico. E neste desenvolvimento, além do acréscimo das condições materiais de vida, contemplamos o bem estar pessoal e social que passam pela valorização educacional, profissional e cultural da população e dos visitantes e, ainda, pelo melhoramento e pelo respeito das condições naturais e ambientais existentes nas zonas de intervenção.

IV – A ROTA dos MUSEUS MINEIROS na FAIXA PIRITOSA IBÉRICA

A Faixa Piritosa Ibérica ocupa quase 200 km de

² WARTELE, J. M. e SCHWARTZMAN, R. “ Le development dès musées souterrains “ In Industrie minérale. Mines et Carrières, dic. 91, 71-76, citado por Puche e Mazadiego, op. cit. P. 81.

extensão desde o Atlântico no Sudoeste da Península até às cercanias de Sevilha e Huelva.

As Minas da Faixa Piritosa Ibérica de que nos ocupamos, quase todas conheceram mineração romana e, muitas delas anterior à romanização, se bem que nalguns casos sejam insuficientes as prospecções e as escavações arqueológicas que comprovem a tradição. Nalgumas delas esses trabalhos arqueológicos foram feitos e foi recolhido abundantemente espólio arqueológico, que está guardado em vários museus locais, regionais e até, e sobretudo, nacionais.

Na parte portuguesa era constituída por dezenas de minas que, como disse, estão hoje quase todas fechadas. E ficaram, com o encerramento, problemas muito sérios: problemas sociais – desemprego de milhares de trabalhadores, degradação social, imigração, droga; e problemas ambientais que são igualmente sérios.

Há, então, que encarar o problema. Há que resolver os problemas de degradação social e de degradação ambiental.

Todos sabemos que a região não pode, por si só criar mais postos de trabalho. Exceptuados os recursos minerais estávamos numa região agrícola pobre e seca.

Ora, no seguimento de investigações sobre o património cultural, mais especificamente industrial, mais precisamente mineiro, demo-nos conta de que há em toda esta região potencialidades turísticas, nomeadamente, do turismo rural e, sobretudo, do turismo cultural que, nos nossos dias começam a ter peso e a inverter os fluxos turísticos.

Com efeito, no Alentejo temos paisagens muito bonitas e diferentes, que agradam aos públicos potenciais deste tipo de turismo; existem hoje boas acessibilidades rodoviárias; há um considerável

patrimônio histórico, artístico e etnográfico; há um patrimônio industrial/mineiro extremamente interessante capaz de exercer enorme atração junto de vários segmentos de público: há ainda (e apenas durante algum tempo) um “centro de memória” operária vivo, que são os antigos mineiros e, também, os técnicos das minas que detêm todo o saber e um saber-fazer que fascinam aqueles que são estranhos a este mundo mineiro.

Trata-se, então, de pôr estas enormes potencialidades ao serviço do desenvolvimento local e da reinserção social. Sabemos todos como a tarefa é complexa. Mas é realizável.

Trata-se de combinar os valores patrimoniais existentes (na aceção mais alargada do termo) com o desenvolvimento; trata-se de aliar a experiência e os saberes locais com os recursos exógenos – as associações, e as sociedades científicas, as universidades, as autarquias que têm aqui um papel muito importante a cumprir – e pôr estas alianças ao serviço do desenvolvimento.

E entendamo-nos, desde já, sobre o conceito de desenvolvimento, que propomos: não se trata apenas do crescimento económico (que é urgente evidentemente) mas antes do desenvolvimento integral e sustentável, que implica, a satisfação de necessidades como o reforço identitário, a produção cultural, (e não apenas o aumento do consumo) a conquista de níveis satisfatórios de bem-estar pessoal e social.

Nos nossos dias, na Europa e também em Portugal, está a desenvolver-se o chamado turismo temático.

Há, então, que aproveitar esta maré e construir “rotas de turismo cultural/mineiro” (neste caso), capazes de responder a um tempo às expectativas, que são

enormes, de diferentes públicos – profissionais, escolares e universitários, público indiferenciado – e de contribuir de modo decisivo para o desenvolvimento local, valorizando as memórias e a identidade social; reabilitando e reutilizando o património; criando emprego através de microempresas de artesanato, de novas instalações turísticas, de restauração, de pequenas unidades hoteleiras, de museus..., desenvolvendo em simultâneo a investigação científica, seja na área do património cultural, mineiro, industrial, da etnografia ou da história local.

Está, pois, na hora de inscrevermos o nosso país no mapa europeu da museologia mineira (mesmo que não houvesse outras razões porque isso representa milhares de turistas especializados por ano).

Ora, sabemos que na chamada Faixa Piritosa Ibérica (na parte portuguesa) existem várias minas encerradas. E sabemos igualmente, que para algumas delas existem já projectos museológicos elaborados e, alguns, já em funcionamento. E, felizmente, todos esses projectos museológicos existentes contemplam aspectos que ultrapassam a simples musealização dos objectos, isto é, têm em conta a necessidade de dar resposta às problemáticas sociais e ambientais que se colocam no terreno, que essa é também a função da museologia de tipo novo.

Aquilo que venho propor é uma articulação concreta desses vários projectos museológicos existentes, de modo a criar uma rede não metafórica nem virtual, como está hoje na moda, mas antes uma rede tecida com os fios da realidade, de museus mineiros da Faixa Piritosa Ibérica.

Não obstante o valor patrimonial de cada uma das minas, provavelmente, não haveria turista que se deslocasse para ver umas ruínas e regressasse ao

ponto de origem. Mas certamente que há gente interessada em percorrer uma rota que lhe dê conta de uma realidade geológica e mineira, que lhe dê a conhecer um património histórico e artístico interessantes, que lhe proporcione atracções etnográficas e gastronómicas ricas e únicas, que a possa alojar e divertir.

É isso que propomos com a constituição da Rota de Museus da Faixa Piritosa Ibérica, sabendo que o turista mais interessado pode atravessar a fronteira e continuar a desfrutar do mesmo património no Parque Temático de Rio Tinto e noutros que, sem dúvida, se lhe seguirão na parte espanhola da Faixa Piritosa Ibérica, como o de Tharsis já em curso.

Entre outras poderiam integrar esta rota as seguintes minas:

- Da Caveira – A tradição e alguns achados arqueológicos atribuem-lhe mineração romana (e até fenícia). Nos nossos dias conheceu exploração entre os finais do século XIX e os anos 60 do nosso século.
- Do Lousal – Nas imediações existem vestígios metalúrgicos do calcolítico. A descoberta da mina foi em 1882 sendo a exploração sistemática dos inícios do século XX. A mina foi encerrada em 31 de Maio de 1988. O Museu Mineiro foi inaugurado em 2001.
- De Aljustrel – existem abundantes vestígios do calcolítico e da mineração romana. Esporadicamente a mina foi explorada em várias épocas, mas só na segunda metade do século XIX recomeçaram os trabalhos de safra sistemática. A mina encerrou no final do século

XX, embora haja alguns troços em exploração e, sobretudo, com trabalhos de manutenção. Foi elaborado um projecto de musealização (encomendado pelo Instituto Geológico e Mineiro) que não foi executado. Em contrapartida, o município abriu um museu mineiro da sua responsabilidade.

- De Castro Verde – Trata-se do maior filão pirítico da Europa em exploração. Há nas cercanias abundantes vestígios de mineração, desde o calcolítico e com particular incidência da presença romana. A empresa tem um núcleo museológico dedicado à museologia.
- De S. Domingos – Houve aqui mineração fenícia e romana. A mina foi igualmente explorada ao longo de várias épocas sem carácter sistemático. Só na segunda metade do século XIX recomeçaram os trabalhos intensivos que se prolongaram até 1966. Existe um projecto museológico da responsabilidade do Campo Arqueológico de Mértola.
- De Aparis – A exploração data de finais do século XIX tendo a mina encerrado em 1975. Serve actualmente de depósito de materiais do Instituto Geológico e Mineiro.

Um programa desta natureza é, por definição, não apenas multidisciplinar, mas interdisciplinar. A Rota Mineira há-de ser um espaço em que se cruzam as energias e os saberes técnicos e científicos e, também, os saberes empíricos; um espaço em que as memórias se recuperam, se renovam e se complementam. Um Centro de Memória!

A programação e a instalação da Rota dos Museus Mineiros da F. P. I. têm em conta a variedade e a diversidade de interesses dos públicos potenciais que

a ela acorrerão. Assim, como já referimos, foram considerados vários segmentos de públicos:

- os habitantes – antigos mineiros, familiares e outros de alguma forma relacionados com a actividade mineira;

- o público escolar em geral (ensino básico e secundário) e outros grupos de visitantes com interesses específicos, para quem o acréscimo de cultura técnica e científica é, como sabemos, muito importante;

- o público especializado – estudantes de Geologia e Minas, estagiários, geólogos e engenheiros, museólogos...;

- o público indiferenciado (ainda que se contemplem segmentos específicos que emergem hoje no espectro da procura turística: famílias, turismo sénior...).

Para cada um destes sectores há que prever as expectativas, proporcionar um atendimento diferenciado e dar respostas capazes de aliar em simultâneo o teatralismo e a imaginação.

Entendemos que, em casos como este, os melhores museólogos são sempre os antigos mineiros, já pelo conhecimento que têm da realidade, já pelo “amor” que têm à mina e à mineração e, ainda, pela disponibilidade que manifestam na transmissão dos seus saberes e saberes-fazer.

É pois, desejável que uma parte considerável dos postos de trabalho a criar seja preenchida por antigos mineiros.

Todavia, será necessário promover a criação de Serviços Educativos capazes de, em instalações apropriadas, receber, com capacidade de resposta científica e didáctica, os grupos de escolas e os grupos com interesses específicos.

V – Dar um Futuro ao Passado

Creemos que nos irmana a todos os que participamos neste encontro a ideia de que os circuitos turísticos podem ser, como já afirmámos, uma porta que se abre para o desenvolvimento. Mas não basta a vontade de criar museus mineiros.

Há todo um trabalho prévio que ainda não fizemos.

- 1) Antes de mais há que inventariar e estudar as minas antigas e abandonadas e, também, aquelas que ainda estão em laboração e que já têm património desactivado. Sensibilizar para que esse património não se perca e não se degrade.
- 2) Há que pressionar os organismos oficiais, as associações, as universidades e aqueles que de alguma forma se interessam pelo património geológico e mineiro para a necessidade urgentíssima de se fazer um inventário do património geomineiro do país.
- 3) É ainda tempo, mas o tempo urge, de recolher as memórias daqueles que estiveram ligados à mineração: mineiros, pessoal de superfície, técnicos, engenheiros e empresários. Só com essa recolha de fontes e com o seu cotejo poderemos aproximar-nos de uma história mais segura das minas e da mineração nas últimas décadas.
- 4) Tal como apontámos no ponto 2), a respeito da inventariação do património geomineiro, há que juntar todos os esforços e proceder com urgência à recolha de documentação ainda existente referente às minas abandonadas: arquivos

- empresariais, arquivos sindicais, documentos oficiais, legislação, etc.
- 5) Na promoção de museus mineiros há que proceder a uma análise séria dos problemas de cada comunidade e de cada região, estudar as potencialidades e a viabilidade de cada projecto, reconhecer que não só os factores endógenos são relevantes, mas que acessibilidades pouco favoráveis, uma deficiente ou inexistente sinalética, a ausência de um “marketing” adequado, a concorrência de projectos similares no mesmo espaço de influência, podem inviabilizar qualquer projecto museológico.
 - 6) Pelas razões acima enunciadas há que planear, desde já, a rede de museus mineiros que queremos e podemos fazer no nosso país. Não vá o excesso matar a “galinha dos ovos de ouro”.
 - 7) Podemos recuperar algum tempo perdido trocando experiências, estudando, estabelecendo parcerias com os museus semelhantes existentes na Europa.

Concluiremos convocando um acontecimento recente. A Assembleia Magna da Organização reunida em 1999 em Santiago do Chile aprovou um documento da máxima importância – O Código de Ética dos operadores turísticos de todo o mundo. No preâmbulo e nos dez artigos que compõem o Código, sublinha-se a importância do turismo como factor de desenvolvimento sustentado, afirmando-se que importa “salvaguardar o meio ambiente para se obter um crescimento económico saudável, constante e sustentável”.

A O. M. T. reconhece os novos turismos como muito enriquecedores desde que “respeitem os ambientes naturais, associem a população local ao seu

desenvolvimento e se ajustem à capacidade de ocupação dos lugares turísticos”.

Reconhece-se igualmente que as comunidades locais devem ser beneficiárias dos pontos de vista económico, social e cultural das mais - valias geradas pelo turismo.

Não é afinal isto o que vimos defendendo?

Sendo assim, estamos certos de que o turismo que tem como raízes a natureza, o património e a museologia social será um poderoso instrumento de desenvolvimento local.

